

DOIS LIVROS DE BONASSI

Maurício Silva
(CUNJ)

É sobretudo a partir da década de 1980 que a Literatura Brasileira incorpora, com maior ou menor grau de evidência, temáticas relativas à questão da *diversidade*, redundando em obras que procuraram dar voz – no âmbito da representação literária – aos diversos extratos da sociedade. Desse modo, observa-se uma profusão de narrativas em que o negro, a mulher, o marginal, o homossexual, enfim toda uma variada gama de representantes de camadas sociais tradicionalmente vitimadas por processos discriminatórios e excludentes passam a ocupar um espaço de destaque no cenário literário nacional. É, aliás, nesse arcabouço ideológico que se inscreve uma nova vertente da literatura nacional, que não apenas procura tematizar os estratos sociais acima referidos, mas busca torná-los elementos centrais da narratividade contemporânea, dando-lhes um papel de destaque num universo ficcional brasileiro e dotando-os de um olhar crítico que, de modo franco, destoa da média dos personagens que historicamente compuseram a prosa de ficção brasileira.

Vivendo uma espécie de *deslocamento espacial*, conseqüência mais palpável de uma marginalização social crônica, tais personagens personificam uma identidade dramaticamente híbrida, em que a idéia de descentramento acaba por promover ininterruptos deslocamentos estruturais, dando origem aos conceitos permeáveis e interagentes de descontinuidade e fragmentação, tudo isso plasmado numa representação estética em que o espaço urbano revela-se a tônica da narrativa ficcional. Instaura-se, desse modo, uma espécie singular de *realismo suburbano*, o qual rompe com a linearidade do realismo *tout court* e que, desde o advento do romance modernista, procura subverter as formas tradicionais de constituição espacial, revolucionando a percepção unidirecional do homem e do mundo que ele habita e instaurando o diverso, o oblíquo e o instável no âmbito da composição narrativa.

Um dos autores que com mais persistência procurou promover esse processo em sua produção ficcional – e todo o conjunto de conseqüências que essa inserção acabou acarretando – foi Fernando

Bonassi, cuja literatura inscreve-se no diversificado plano estético do realismo suburbano. Sobretudo do ponto de vista temático, esse é um fato bastante evidente, embora aspectos de natureza puramente formal e estrutural das narrativas contribuam sobremaneira para a consolidação dessa perspectiva estética. Nesse sentido, o realismo suburbano praticado no domínio da constituição temática surge necessariamente como derivativo imediato da opção por uma forma que, em si mesma, carrega consigo toda uma concepção de *fazer literário* que não está isenta dos conceitos de hibridismo, de descentramento ou de diversidade, os quais comporiam, isoladamente ou em conjunto, as mais recentes propostas de criação literária aliada à inovação estética. Do mesmo modo, seu estilo recebe o influxo dos temas que caracterizam de modo contundente a estética do realismo suburbano, temas que vão da violência urbana à sexualidade, da carestia social às identidades complexas.

Em *O menino que se trancou na geladeira* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2004), a questão da identidade coloca-se desde o início, na medida em que o protagonista sofre um processo contínuo de *seqüestro identitário*: primeiro, é referido apenas pelo substantivo *menino*; depois, processa-se um auto-isolamento social completo. Daí um profundo sentido de crítica social presente nesse seu livro, crítica que emerge de modo constante e impiedoso, sobretudo quando se volta para instâncias governamentais:

essa manipulação masturbatória destinava-se a empregar na coisa Pública a energia de quem não precisava, ou até mesmo nem queria tal posto, criando assim uma corja de gozadores esquentadores de cadeira e comedores de merenda que se encastelariam no Governo Nacional de tal modo que acabavam reeleitos por insistência (p. 14).

A questão da identidade, nesse seu romance, não aparece, contudo, apenas relacionada ao protagonista, mas se insinua também na própria condição do gênero literário a que se filia a obra. Neste sentido, cumpriria perguntar se se trata, do ponto de vista do gênero, de um romance-reportagem ou de uma fábula alegórica, revelando um deliberado hibridismo estrutural. Aliás, essa condição híbrida é ironizada pelo autor em várias referências metalingüísticas, num constante diálogo com os supostos editores do livro. Que se trata, contudo, de uma alegoria do Brasil, vinculando-o a uma espécie singular de *realismo*